

nara roesler

jaime lauriano
eu estou aqui com
toda minha gente
texto de ademar britto

nara roesler rio de janeiro
abertura 23 de outubro
exposição 23 out – 20 dez



jaime lauriano

eu estou aqui com toda minha gente

Em 1958, o sociólogo Alberto Guerreiro Ramos (1915-1982) propôs uma virada epistemológica essencial para a compreensão do Brasil na publicação *A redução sociológica*: era preciso reduzir o pensamento sociológico às suas bases reais, rompendo com a reprodução acrítica de modelos estrangeiros e desenvolvendo categorias próprias, enraizadas na realidade nacional. Esse gesto não foi apenas um movimento acadêmico, mas uma convocação ética e política: pensar com os pés fincados no chão do Brasil.

É a partir dessa chave que se pode compreender a potência do trabalho de Jaime Lauriano. Sua prática artística é, também, um gesto de redução crítica: ele não busca no exterior a régua e o compasso para produzir sua obra, mas parte de sua própria trajetória, de suas memórias do cotidiano periférico e da história do seu país, para construir uma poética insurgente e reflexiva. Multidisciplinar em essência, a formalização do seu trabalho transita com fluidez entre diferentes suportes – pintura, escultura, desenho, vídeo – e com o compromisso de tensionar símbolos, narrativas e dispositivos de poder da dita “história oficial”.

O artista pega emprestado um verso da canção *A força da Jurema* (1973), composta por Mateus Aleluia (1943), Heraldo Bozas (19??– 1975) e Grinaldo Salustiano (19??– 2000), do grupo musical baiano Os Tintoãs, para intitular a exposição: *Eu estou aqui com toda minha gente*. A referência à canção funciona aqui como um pano de fundo sensível: assim como na música, Jaime ativa memórias e saberes ancestrais que resistem ao tempo e fortalecem um sentimento de comunidade e ancestralidade.

O Rio de Janeiro é onde Lauriano mais realizou exposições individuais em seus quase vinte anos de trajetória. Uma carreira que já abarca metade da sua vida. A cidade também é endereço de sua instalação pública *A história do negro é uma felicidade guerreira* (2018), calçamento em pedras portuguesas na entrada do Museu de Arte do Rio de Janeiro (MAR), com nomes das doze regiões da África de onde foram trazidas pessoas escravizadas para o Brasil.

Ao reexibir a obra *Na Bahia é São Jorge, no Rio São Sebastião* (2023), parte da série *Recanto* e presente em sua individual *Aqui é o fim do mundo*, apresentada no MAR em 2023, cria-se uma conexão entre as duas exposições. O título da tela evoca o sincretismo religioso afro-brasileiro: São Jorge/Ogum e São Sebastião/Oxóssi. Baseado em uma pintura de Heitor dos Prazeres (1898 – 1966), o artista dela subtrai a presença humana e da natureza, restando apenas casarios, pistas de automóveis e alguns muros (em um deles escrito ‘Chega de Genocídio’). Esse gesto de Lauriano contrasta com a afrocentricidade dos personagens pela qual Prazeres é conhecido ao retratar com

dignidade o cotidiano das pessoas negras. Lauriano adiciona à tela pingentes em metal que formam um panteão de orixás no céu, além de adesivos vinílicos populares vendidos em bancas de jornais, que remetem à fé cristã e ao axé. Essa justaposição reforça o caráter sincrético da nossa cultura.

Ainda durante sua estada no Rio de Janeiro em 2023, Jaime realizou fotografias na praia de Copacabana que deram origem às pinturas *Sem título # 1*, da série *O sobrado de mamãe é debaixo d’água*, 2025. O mar emerge como território simbólico, onde camadas de memória e história se entrelaçam. Ao escolher as águas atlânticas como ponto de partida dessa série, o artista evoca tanto as rotas da diáspora africana – marcadas pela violência da travessia forçada – quanto os fluxos de resistência e reinvenção cultural que moldaram o Brasil. Essa dimensão aquática como espaço de dor e fertilidade ressoa na cantiga popular *O sobrado de mamãe é debaixo d’água*, de autoria desconhecida, onde a casa submersa se torna metáfora de uma história afogada, mas não esquecida. O mar também se aproxima da figura de Oxum, orixá das águas doces, da maternidade, da beleza e da ancestralidade. Como guardião dos rios e também ligada ao fundo das águas, ela encarna a potência feminina e espiritual da sobrevivência. Ao evocar esse arquétipo, Lauriano transforma o mar em um lugar onde a memória não se perde, ela escorre, flui e ressurge, carregando a força dos afetos, das perdas e da permanência.

Entre as obras inéditas apresentadas na exposição, destaca-se a série *Pencas* (2025), com balangandãs criados a partir da apropriação e reconfiguração de objetos pré-existentes. Jaime Lauriano cria amuletos que remetem às tradicionais “joias de crioulas” dos séculos XVIII-XIX – adornos historicamente usados por mulheres negras no Brasil, especialmente na Bahia. Para além de sua dimensão simbólica e protetora, essas joias carregam um significado econômico e político: eram também instrumentos de acúmulo de riqueza e autonomia, havendo registros de mulheres que conseguiram comprar suas próprias alforrias com a venda dessas peças. Neles aparecem jatobás, búzios, um ogó de Exu, sinos, agogôs, quartinhas, alguidares, canecas, pemba, cachimbo e cabaça, elementos da ritualística do candomblé e da umbanda.

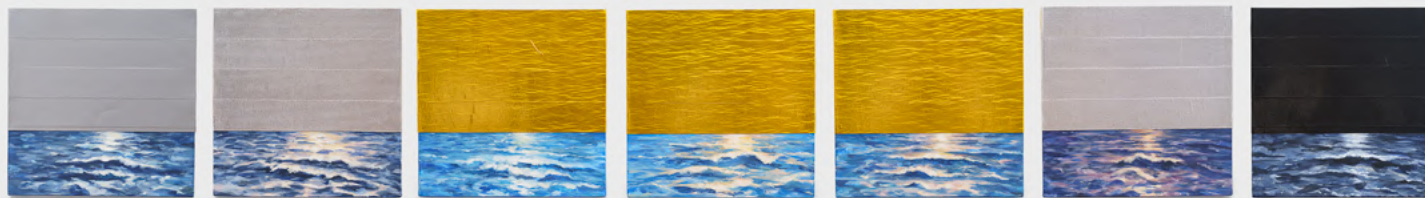
O Hip-Hop e o Rap foram para Jaime Lauriano referências fundamentais de leitura de mundo e também local de acolhimento, durante a sua adolescência, quando vivia em Osasco. Em uma das obras inéditas da exposição, *Autorretrato #1*, ele incorpora grades comumente encontradas em residências populares. Essas estruturas funcionam como proteção das casas, mas também apresentam elementos gráficos que remetem aos Adinkras, símbolos visuais do povo Akan, especialmente do grupo Ashanti, de Gana e Costa do Marfim. Esses

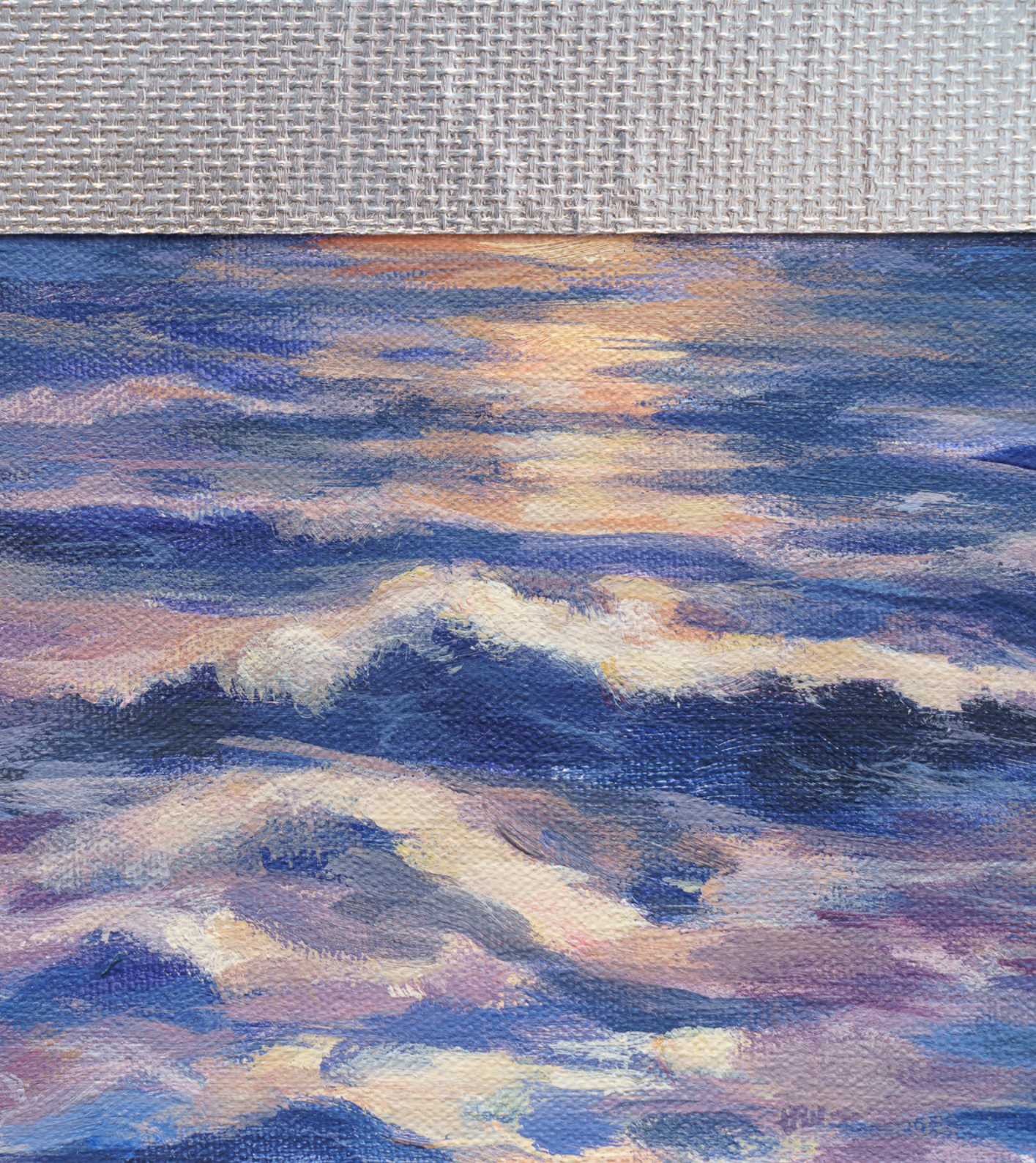
símbolos carregam significados profundos relacionados à filosofia, à moral e à espiritualidade. O padrão da grade presente na obra faz referência ao Sankofa – que também pode ser representado por um pássaro com a cabeça voltada para trás enquanto os pés apontam para frente –, conceito que transmite a ideia de ser essencial olhar para trás e buscar sabedoria no passado ao avançar. A peça, de caráter confessional e autobiográfico, tem as dimensões da coluna vertebral do artista e contém objetos carregados de histórias e sentimentos íntimos, como o tênis all-star com desgastes únicos do seu pisar e também objetos que remetem tanto à opressão colonial quanto à força da resistência e da herança cultural africana, em uma estética que evoca as memórias de sua infância na periferia de São Paulo.

O cerne do trabalho de Jaime Lauriano está em transformar a arte em um lugar de memória e questionamento, ao falar tanto do passado quanto das urgências do presente. E a coragem de ser artista está justamente em não desviar o olhar, e sim em olhar fundo, com firmeza e sensibilidade, como nos ensina Lauriano.

–Ademar Britto

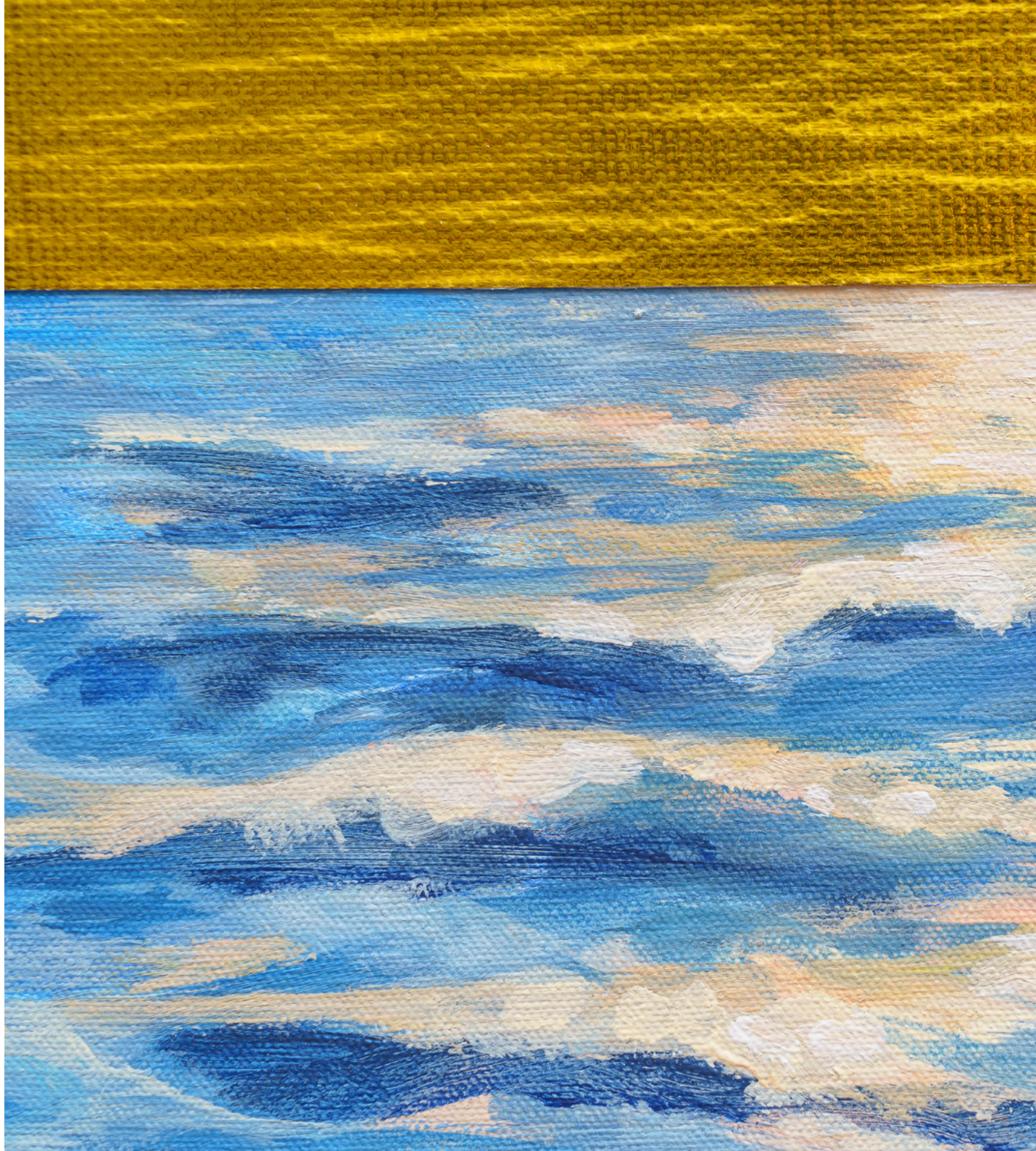
*Sem título #1 (série O sobrado de
mamãe é debaixo d'água), 2025*
tinta acrílica e fita autoadesiva sobre algodão
7 peças de 30 x 30 x 3,5 cm (cada)





Jaime Lauriano vai mostrar obras intimistas, como as sete da série “o sobrado de mamãe é debaixo d’água”, criadas no período recente em que buscou ficar mais recolhido, reflexivo, devido às limitações impostas por uma hérnia na coluna cervical. A partir de uma fotografia que fez do final da praia de Copacabana, em 2023, Jaime Lauriano criou uma série de paisagens, que representam diferentes estágios da luz, do momento que antecede a aurora à meia-noite. O céu é feito de fita autoadesiva reflexiva, nas cores cinza, dourada, prateada e preta, e, o mar, de tinta acrílica. As obras “Sem título” medem, cada uma, 30 x 30 x 4,5 centímetros.

Nesta nova série de trabalhos, o artista retoma o gênero da paisagem, mas com uma abordagem inédita, em que se distancia da representação de conflitos que permeava suas obras anteriores. “O foco agora é a exploração das tensões visuais entre campos de cores, criadas a partir da utilização de materiais variados. O mar do Rio de Janeiro surge não apenas como cenário, mas como ponto de partida conceitual. A escolha de me debruçar sobre suas águas está ligada à estreia desta série na minha exposição individual na cidade, mas, sobretudo, à minha fascinação pela complexa história que as águas transatlânticas carregam. Elas são testemunhas de um passado de violência e sofrimento colonial, mas também são as rotas que trouxeram as ricas heranças africanas que, ao longo do tempo, moldaram profundamente a cultura e a identidade do Brasil”, conta. Jaime Lauriano afirma: ‘A série “O sobrado de mamãe é debaixo d’água” se posiciona, portanto, como uma celebração poética da resiliência e da riqueza da cultura afro-brasileira e de sua capacidade de florescer e resistir, transformando dor em história e luta”.





Também serão apresentados quatro objetos da série “Pencas”, com esculturas de latão banhadas em cobre, penduradas em couro com argolas de latão, feitas este ano. As esculturas têm a forma de jatobás, búzios, um ogó de Exu, sinos, agogôs, quartinhas, alguidar, canecas, pemba, cachimbo e cabaça, elementos da ritualística do candomblé e da umbanda, de modo a criar uma espécie de ofertório para a cultura afro-brasileira e a sua resistência ao longo da História do Brasil. Jaime Lauriano alude neste trabalho às joias crioulas dos séculos XVIII e XIX, consideradas um patrimônio da Bahia e da cultura afro-brasileira, que marcam a resistência negra contra o regime escravocrata, sendo uma das manifestações artísticas afrodescendentes mais antigas no país.

Penca #1, 2025
abraçadeira de nylon, couro e
escultura de latão banhadas em cobre
edição de 3 + 1 PA
75 x 13 x 8 cm



Penca #2, 2025
abraçadeira de nylon,
couro e escultura de latão
edição de 3 + 1 PA
63 x 11 x 6 cm



Penca #3, 2025
abraçadeira de nylon,
couro e escultura de latão
edição de 3 + 1 PA
65 x 13 x 7 cm







Penca #4, 2025
abraçadeira de nylon,
couro e escultura de latão
edição de 3 + 1 PA
63 x 11 x 6 cm



Na Bahia é São Jorge, no Rio
São Sebastião (série Recanto), 2023
tinta acrílica, adesivos, miniaturas
em chumbo e estampas sobre mdf
120 x 140 x 2,5 cm



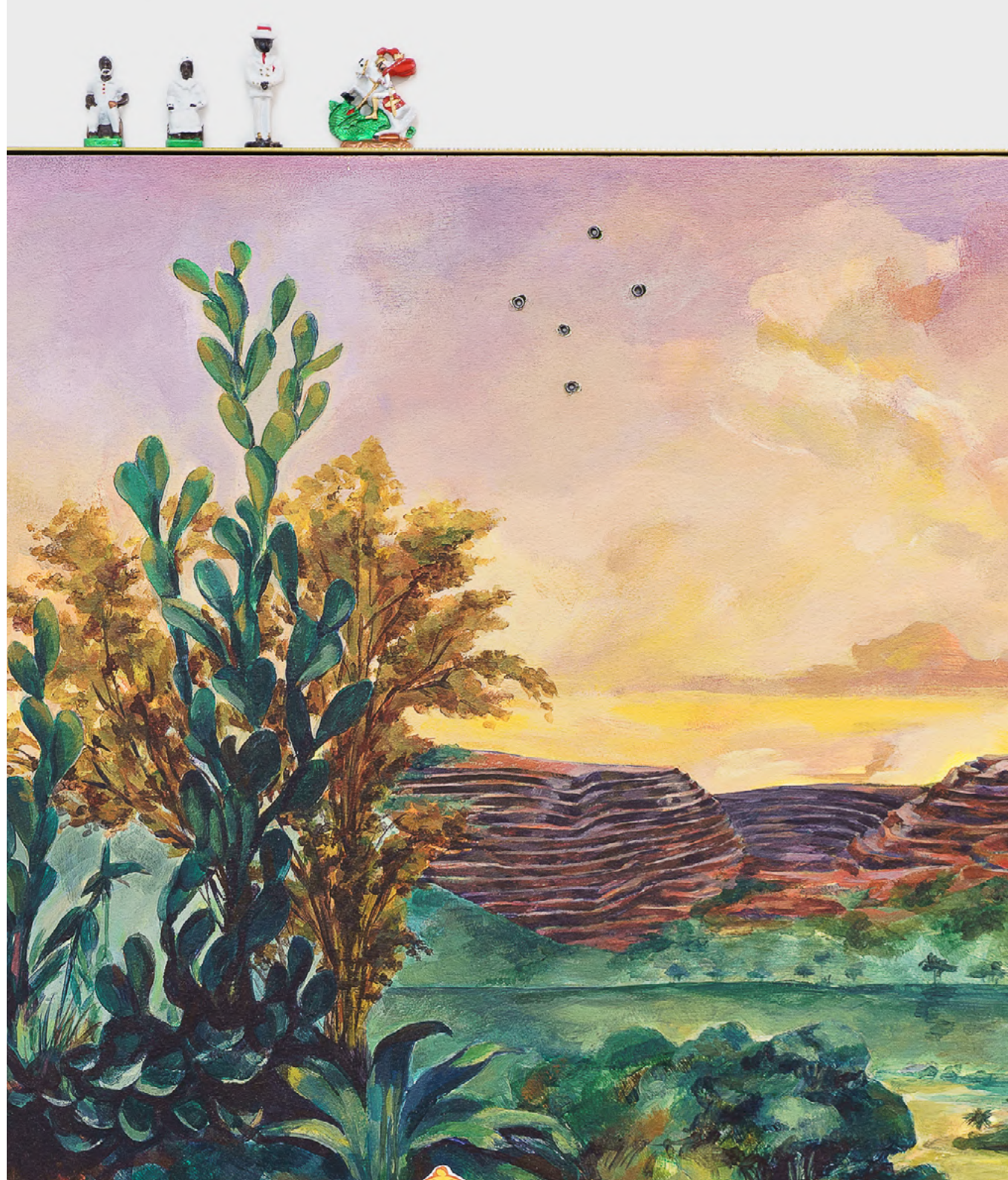
“Na Bahia é São Jorge, no Rio São Sebastião” (série “Recanto”) foi criada para a exposição “Aqui é o fim do mundo”, em 2023, panorâmica dos quinze anos de trajetória de Jaime Lauriano, e que integrou a programação comemorativa de dez anos do Museu de Arte do Rio (MAR), onde foi apresentada. Feita com tinta acrílica, adesivos, miniaturas em chumbo e estampas sobre mdf, é “a paisagem da janela” de Heitor dos Prazeres (1898-1966), grande pintor carioca, e um dos pioneiros na composição de sambas.



Entradas em Minas Gerais, 2025
tinta acrílica, adesivos, miniaturas
em chumbo e estampas sobre mdf
70 x 100 x 2 cm



A pintura “Entradas em Minas Gerais” (2025), faz parte da pesquisa que Jaime Lauriano desenvolve desde 2022, dedicada à revisão crítica de pinturas históricas que moldaram a memória oficial do país. Ao revisitar imagens acadêmicas produzidas entre o final do século XIX e o início do século XX, o artista percebeu que a colonização foi “consistentemente apresentada de forma idealizada, transformada em um gesto heroico e civilizador”, ao passo que “as presenças, resistências e experiências de violência afro-indígenas foram sistematicamente silenciadas”. “Meu interesse reside em questionar essa operação, dismantlar sua lógica celebratória e transformar a pintura histórica em um contramonumento: não mais um local de consagração, mas um campo de disputa, atrito e reflexão”, diz. Lauriano “esvazia” a pintura de seus personagens, deixando apenas a paisagem. Sobre essa superfície despovoada, ele aplica uma profusão de adesivos “que evocam tanto a violência colonial quanto a resistência afro-indígena”. Sobre a própria moldura, ele ainda instala figuras em miniatura que encenam uma batalha entre soldados coloniais e entidades da religiosidade afro-brasileira, como Zé Pilintra. “Desta forma, o passado não retorna como um mito pacificado, mas sim como um campo de conflito simbólico no qual a pintura se torna um território contestado”.



ONDE HÁ FUMAÇA

ARTE E
EMERGÊNCIA
CLIMÁTICA



Paulo Paes
Onde Há Fumaça
2024
Óleo sobre tela
180 x 180 cm

Paulo Paes
Onde Há Fumaça
2024
Óleo sobre tela
180 x 180 cm

Paulo Paes
Onde Há Fumaça
2024
Óleo sobre tela
180 x 180 cm

Paulo Paes
Onde Há Fumaça
2024
Óleo sobre tela
180 x 180 cm

WHERE THERE'S SMOKE
ART AND THE CLIMATE EMERGENCY

Today more than ever, we are feeling the effects of the climate emergency that we are experiencing. While the world's attention is focused on the climate crisis, it is also the time to reflect on the role of art in society and its power to transform reality. This exhibition, 'Where There's Smoke', is a collection of works by Paulo Paes that explore the climate emergency through art. The exhibition is divided into two parts: 'Where There's Smoke' and 'Where There's Fire'. The first part, 'Where There's Smoke', features a large painting by Paulo Paes titled 'Onde Há Fumaça' (Where There's Smoke). The painting depicts a landscape with smoke rising from the ground, possibly representing a fire or a natural disaster. The second part, 'Where There's Fire', features a collection of smaller works by Paulo Paes that explore the climate emergency through art. The exhibition is a powerful statement on the climate emergency and the role of art in society.

A new and accurate map of the
world: *democracia racial, êxodo,*
genocídio e invasão, 2025
pemba branca e lápis dermatográfico
sobre algodão preto
2 partes de 150 x 170 cm cada





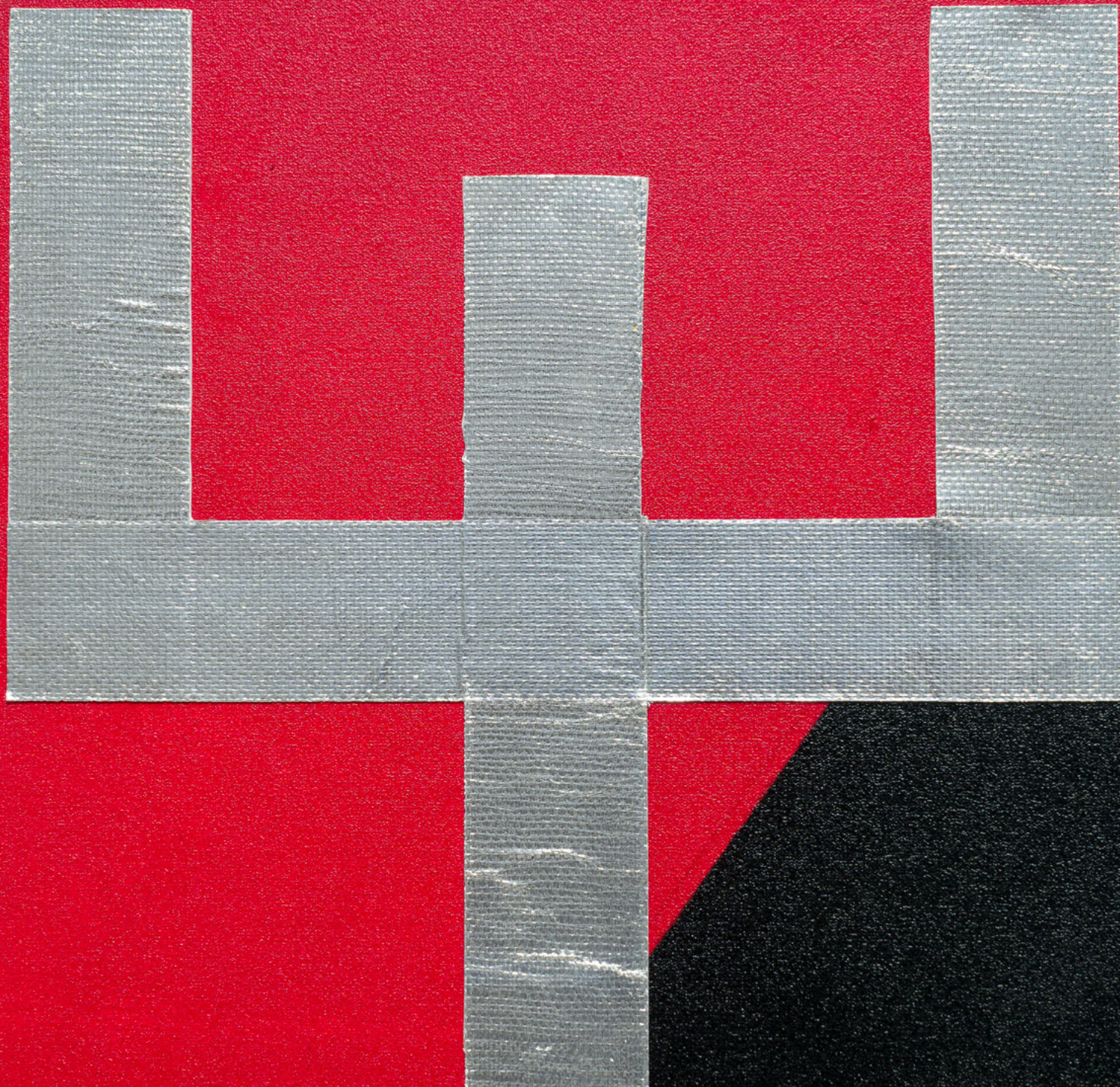
Os mapas, interesse recorrente na trajetória de Jaime Lauriano, estão presentes com a obra “A new and accurate map of the world: democracia racial, êxodo, genocídio e invasão” (2025), composta por dois desenhos realizados em pemma branca – giz branco usado em terreiros de candomblé – e lápis dermatográfico sobre algodão preto. A série de trabalhos “democracia racial, êxodo, genocídio e invasão” recria, a partir das ilustrações de mapas e cartas náuticas, uma das cenas mais emblemáticas da história recente da humanidade: as navegações e o “descobrimento do novo mundo”. Entretanto, diferentemente de sua versão original, com cores prontas para retratar a exuberância da região recém-explorada, Lauriano usa um rebaixamento visual, pautado pelo branco sobre preto, fazendo uma releitura dos primeiros esforços de representação do sistema de exploração da madeira e da mão de obra indígena, a primeira força de trabalho do que mais tarde seria consolidado como um “país”. Lauriano contrapõe a representação idílica existente nos mapas antigos inscrevendo termos como invasão, etnocídio, democracia racial e apropriação cultural, retirados de livros que pautam a construção da História do Brasil.



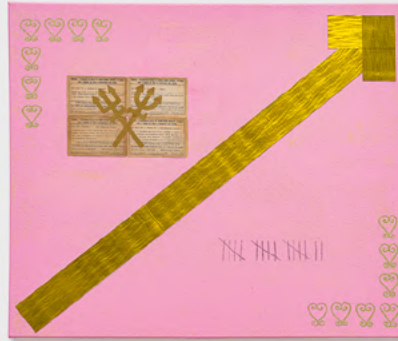
vista da exposição
Aqui é o Fim do Mundo, 2023
Museu de Arte do Rio, Brasil

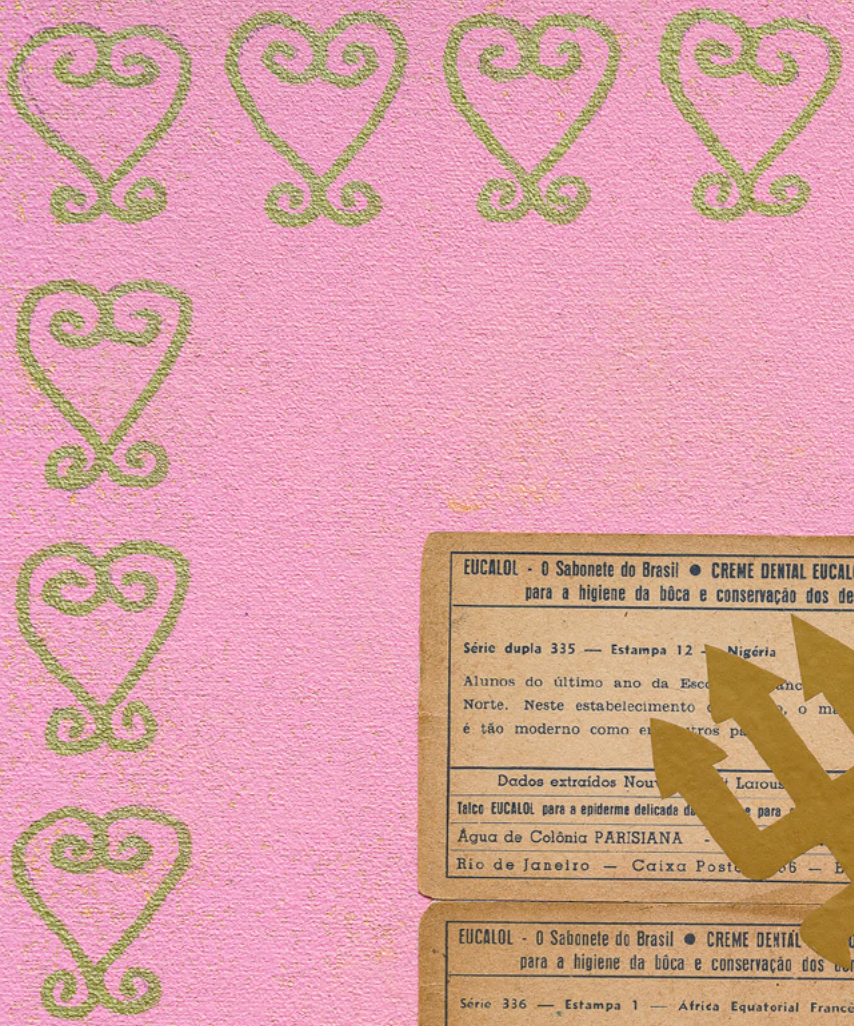
Sem título (senhor da noite e do dia), 2025
tinta acrílica e fita autoadesiva
prateada sobre algodão
70 x 50 x 3 cm





Sem título, 2025
tinta acrílica e fitas
autoadesivas sobre algodão
50 x 60 x 3 cm





EUCALOL - O Sabonete do Brasil • CREME DENTAL EUCALOL - O melhor para a higiene da boca e conservação dos dentes.

Série dupla 335 — Estampa 12 — Nigéria
Alunos do último ano da Escola de Ibadan na colônia do Norte. Neste estabelecimento o ensino, o material escolar é tão moderno como em outros países.

Dados extraídos Nouvelle Larousse Illustré 1952
Talco EUCALOL para a epiderme delicada da criança e para o bem-estar dos seus pais.
Água de Colônia PARISIANA — PERFUMARIA MYRTA S.A.
Rio de Janeiro — Caixa Postal 1866 — Edição 1955

EUCALOL - O Sabonete do Brasil • CREME DENTAL EUCALOL - O melhor para a higiene da boca e conservação dos dentes.

Série 336 — Estampa 1 — África Equatorial Francesa
O grande médico Albert Schweitzer, com 79 anos de idade, detentor do prêmio Nobel, não opera mais, assistindo nas todas as manhãs, aos trabalhos clínicos e cirúrgicos em seu hospital de Lambarene.

Dados extraídos Nouveau Petit Larousse Illustré 1952
Talco EUCALOL para a epiderme delicada da criança e para o bem-estar dos seus pais.
Água de Colônia PARISIANA — PERFUMARIA MYRTA S.A.
Rio de Janeiro — Caixa Postal 1866 — Edição 1955

EUCALOL - O Sabonete do Brasil • CREME DENTAL EUCALOL - O melhor para a higiene da boca e conservação dos dentes.

Série dupla 335 — Estampa 10 — Nigéria
Estudantes do Colégio Universitário de Ibadan na colônia britânica da Nigéria. Os graduados jogam uma partida de xadrez na varanda do Colégio.

Dados extraídos Nouvelle Larousse Illustré 1952
Talco EUCALOL para a epiderme delicada da criança e para o bem-estar dos seus pais.
Água de Colônia PARISIANA — PERFUMARIA MYRTA S.A.
Rio de Janeiro — Caixa Postal 1866 — Edição 1955

EUCALOL - O Sabonete do Brasil • CREME DENTAL EUCALOL - O melhor para a higiene da boca e conservação dos dentes.

Série dupla 334 — Estampa 10 — África Ocidental Francesa
Influenciado à influência da arquitetura moderna, o aspecto de edifícios mais recentes: um grande arranha-céu, novo prédio da Rádio-difusora e um outro pavilhão moderno.

Dados extraídos Nouveau Petit Larousse Illustré 1952
Talco EUCALOL para a epiderme delicada da criança e para o bem-estar dos seus pais.
Água de Colônia PARISIANA — PERFUMARIA MYRTA S.A.
Rio de Janeiro — Caixa Postal 1866 — Edição 1955



Autorretrato #1, 2025
grade de ferro, tenis, lona plástica
branca, miniaturas em chumbo, corrente
de aço e abraçadeira plástica
143 x 38 x 25 cm



A escultura de parede *Autorretrato #1* (2025), constituída por uma grade de ferro e materiais diversos, foi pensada como um espaço para se meditar sobre a diáspora africana, e busca costurar o passado e o presente, a história social e a subjetividade. O projeto convida o público a um olhar sensível sobre a escravidão e seus ecos nos corpos negros. A obra tem a exata medida da coluna vertebral de Jaime Lauriano, do pescoço ao cóccix, tem como padrão a construção de grades de ferro que usam o alfabeto Adinkra, um sistema de símbolos oriundos de Gana. O artista resgata elementos formais e conceituais de sua pesquisa, a partir da arquitetura de cidades como Rio de Janeiro e São Paulo. Estarão pendurados na escultura objetos que remetem tanto à opressão exercida sobre os escravizados quanto à força da resistência e da herança cultural africana, em uma estética que evoca as memórias da infância do artista nos bairros periféricos paulistanos.



Colonização #2, 2022

apoti, esteira de palha taboa, alguidar
e 28 pedras portuguesas fundidas em latão
edição de 5 + 2 PA
53 x 34 x 34 cm





jaime lauriano

n. 1985, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

Artista multimídia, Jaime Lauriano revisita os símbolos, imagens e mitos formadores do imaginário da sociedade brasileira por meio de vídeos, instalações, textos, pinturas e esculturas, tensionando marcadores sociais e narrativas históricas a partir de proposições críticas, seus trabalhos são capazes de revelar como as estruturas coloniais do passado reverberam na necropolítica contemporânea. Lauriano aborda as formas de violência cotidiana que perpassam a história brasileira desde sua invasão pelos portugueses, centrando-se, em indivíduos racializados. Nesse sentido, o artista se debruça sobre os traumas históricos de nossa cultura, compreendendo suas complexidades a partir do agenciamento de imagens e discursos provenientes das mais diversas fontes, sejam aquelas tidas como oficiais, como veículos de comunicação e propagandas de Estado; como as extra oficiais, como vídeos de linchamentos compartilhados pela internet.

Sua crítica se estende da macropolítica das esferas do poder oficial à micropolítica. Lauriano pensa o trauma não só em sua dimensão temporal, mas também espacial, valendo-se de formas de mapeamento a fim de questionar as disputas e construções territoriais coloniais. Outra dimensão de seu trabalho é a conexão com religiões ancestrais de matriz africana. O artista emprega signos e símbolos desses rituais, como a pomba branca, utilizada na feitura de seus mapas, compreendendo como a esfera religiosa foi fundamental para a resistência dos escravizados, servindo como espaço de manutenção de suas relações com o território ancestral.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Why don't you know about western remains?*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2024)
- *Uma Obra*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2024)
- *Aqui é o fim do mundo*, Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil (2023)
- *Marcas*, Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), Recife, Brasil (2018)
- *Brinquedo de furar moletom*, Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil (2018)
- *Nessa terra, em se plantando, tudo dá*, Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB-RJ), Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- *Impedimento*, Centro Cultural São Paulo (CCSP), São Paulo, Brasil (2014)

exposições coletivas selecionadas

- *Le Brésil Illustré: L'héritage postcolonial de Jean Baptiste Debret (1768-1848)*, Maison de L'Amerique Latine, Paris, França (2025)
- *Onde há fumaça*, Museu do Ipiranga, São Paulo, Brasil (2024)
- *Brasil Futuro: as formas da democracia*, Museu Nacional da República, Brasília, Brasil (2023)
- *El Dorado: Myths of Gold*, Americas Society, Nova York, EUA (2023)
- *37º Panorama da Arte Brasileira*, São Paulo, Brasil (2022)
- *Social Fabric: Art and Activism in Contemporary Brazil*, Visual Arts Center, The University of Texas, Austin, EUA (2022)
- *Histórias brasileiras*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2022)
- *Afro-Atlantic Histories*, National Gallery of Art, Washington DC, EUA (2022); Museum of Fine Arts (MFAH), Houston, EUA (2022)
- *Carolina Maria de Jesus: um Brasil para os brasileiros*, Instituto Moreira Salles (IMS), São Paulo, Brasil, 2021
- *11ª Bienal do Mercosul*, Porto Alegre, Brasil (2018)

coleções selecionadas

- Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), Recife, Brasil
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Schoepflin Stiftung, Lörrach, Alemanha

nara roesler

são paulo

avenida europa 655
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241
ippanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art